

**INTERNATIONALI NEGOTIA
EDITORA
ÁREA INTERNACIONAL**

**JOHAN GABRIEL CAPUCHO VON BEHR
LUCAS MARTINS GUIMARÃES**

**PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO
AMBIENTE
INTERNACIONALIZAÇÃO DA AMAZÔNIA**



MODELO INTERNACIONAL DO BRASIL

**BRASÍLIA - DF
2019**

**JOHAN GABRIEL CAPUCHO VON BEHR
LUCAS MARTINS GUIMARÃES**

**PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO
AMBIENTE
INTERNACIONALIZAÇÃO DA AMAZÔNIA**

**BRASÍLIA - DF
2019**

*Dedico este guia a minha mãe,
Que sempre esteve ao meu lado.
- Lucas Martins Guimarães*

*À Renata Gomes, amiga que nunca
é homenageada o suficiente.
- Johan Gabriel Capucho von Behr*

“Never give power to the big men.”

(Alfie Solomons)

CARTA DO SECRETARIADO

Caros delegados e delegadas, é com grande prazer que lhes dou boas-vindas ao PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) para discutir a internacionalização da Amazônia, assunto de extrema relevância não só para o Brasil, mas para todo o ambiente internacional.

A discussão desse comitê é abrangente e toca assuntos econômicos e políticos, sendo importante não só para a aprovação da proposta de resolução, mas também para a formação de uma opinião mais embasada sobre a Amazônia, patrimônio da humanidade que, em alguns anos, será responsabilidade dessa geração.

Esse guia aqui escrito procura celebrar não só o conhecimento das delegadas e delegados leitores, mas sim homenagear toda uma geração de futuros líderes. A decisão do que hoje pode ser uma simulação, amanhã pode estar nas mãos dos senhores de verdade.

Desejamos sorte e um bom evento aos participantes.

RESUMO

Esse trabalho tem o objetivo de elucidar o medo geopolítico do Brasil da Internacionalização da Amazônia, que consiste na retirada de soberania brasileira sobre sua parcela territorial da floresta e a criação de um “território de preservação” com soberania internacional.

Essa discussão se popularizou muito com o pronunciamento de líderes internacionais se declarando a favor da internacionalização da Amazônia, especialmente nos anos 90 com os discursos de Bush, Al Gore e Michael Gorbachev, e com o discurso do ex-senador Cristovam Buarque a respeito do assunto em uma universidade americana. A discussão é relevante até hoje principalmente pelo interesse internacional nas riquezas amazônicas e pela discussão da preservação e negligência brasileira em relação a preservação de patrimônio internacional da humanidade.

Palavras-chave: Brasil, Internacionalização, Amazônia, soberania, patrimônio, humanidade.

ABSTRACT

This work has the objective of elucidating Brazil's geopolitical fear about the Internationalization of the Amazon Forest, which consists in the withdrawal of Brazilian sovereignty over its territorial portion of the forest and the creation of a "preservation territory" with international sovereignty.

The discussion became very popular with the pronouncement of international leaders declaring themselves in favor of the internationalization of the Amazon, especially in the 1990s with the speeches of Bush, Al Gore and Michael Gorbachev, and with the speech of former senator Cristovam Buarque on the subject in an American university. The discussion is relevant to this day mainly due to the international interest in the Amazonian treasures and the discussion of Brazilian preservation and neglect in relation to the preservation of the international patrimony of humanity.

Keywords: Brazil, Internationalization, Amazon, sovereignty, patrimony, humanity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1.1 A riqueza da floresta amazônica	9
1.2 Controvérsias e risco à biodiversidade	11
2 A INTERNACIONALIZAÇÃO	13
2.1 Pressão externa	13
2.2 Posicionamento brasileiro	14
CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20
Apêndice I – Posicionamentos de Países	21

INTRODUÇÃO

A Amazônia, nome comum da Floresta Amazônica ou Floresta Tropical da Amazônia, é um bioma majoritariamente brasileiro, embora apareça em outros países da América Latina. É, atualmente, parte do território brasileiro. Muitas nações já expuseram seus objetivos em relação à internacionalização da Floresta Amazônica, por questões de território, biodiversidade e, acima de tudo, recursos naturais abundantes, desde água e madeira a combustíveis fósseis.

Discute-se aqui, de forma objetiva, a questão da internacionalização da Amazônia, que consiste na intervenção internacional no território que abrange 9 países da América do Sul, levando em consideração todas as questões jurídicas da soberania e as questões ambientais que tanto urgem pela decisão colegiada do PNUMA.

Ainda, vale retomar conceituações básicas relativas a fatores intrínsecos a este debate. **Soberania** é um princípio básico de um estado-nação, como o clamado pelo Estado brasileiro. De acordo com Karl Deutsch: “Dizemos que é uma nação ou estado-nação, quando alguns membros deste povo controlam um estado soberano - isto é, um estado que não reconhece mais alto poder de tomada de decisões, além do seu.” (DEUTSCH, 1912, Política e Governo)

Assim, a soberania de um país é definida tanto pela sua autolegitimação por meio de uma organização estatal independente quanto por sua representação frente a outros estados igualmente soberanos. Outra conceituação interessante ao debate é a de **território**: caracteriza-se, simplesmente, por uma porção de terra/água sob posse de alguém ou algo.

Relacionados a isso, serão abordados de perto os motivos que deram início a essa discussão e tentar-se-á, de forma breve, mensurar a importância global da Floresta Amazônica, criando base para que o comitê tenha o conhecimento necessário para conseguir findar a discussão que se popularizou no final dos anos 80.

1 A FLORESTA AMAZÔNICA

A Floresta Amazônica, ou Amazônia, é uma floresta localizada na América do Sul, e é considerada a maior floresta tropical do mundo e uma das maiores ao redor do globo. Tem como extensão de cerca de 5 milhões e meio de quilômetros quadrados e está presente em 9 países, sendo 60% do território pertencente ao estado brasileiro. Além disso, **representa cerca de 53% de todas as florestas tropicais do mundo, o que a traz para o centro de questões ambientais como preservação e desmatamento e traz diversos interesses internacionais.**



Figura 1 - Mapa da amazônia

1.1 A riqueza da floresta amazônica

A Amazônia detém o maior banco de diversidade biológica do mundo, além de um patrimônio mineral quase imensurável. Acredita-se que tal área absorve e armazena grande quantidade de carbono e seja fundamental para o equilíbrio climático global. A bacia amazônica ainda abriga a maior rede hidrográfica do planeta e escoada cerca de um quinto do volume de água doce do mundo, sendo 60% em território brasileiro. Segundo um estudo comparativo da

Conservação Internacional (CI), só a Bacia do Rio Negro, um dos afluentes do rio Amazonas, tem mais água doce do que a soma dos rios de toda a Europa. Ademais, 70% das espécies de mamíferos existentes no Brasil vivem na Amazônia. Estima-se que pelo menos um terço das espécies de insetos existentes no planeta esteja no bioma, o que representa cerca de 10 milhões. Em relação ao número de peixes, só no Rio Negro, já foram catalogadas 450 dessas espécies, de um total de duas mil espécies estimadas na região. A Amazônia também é o maior habitat de répteis do mundo e abriga, pelo menos, 50 espécies em extinção.

Outro campo de extenso valor é o mineral, como pode ser demonstrado na figura a seguir.

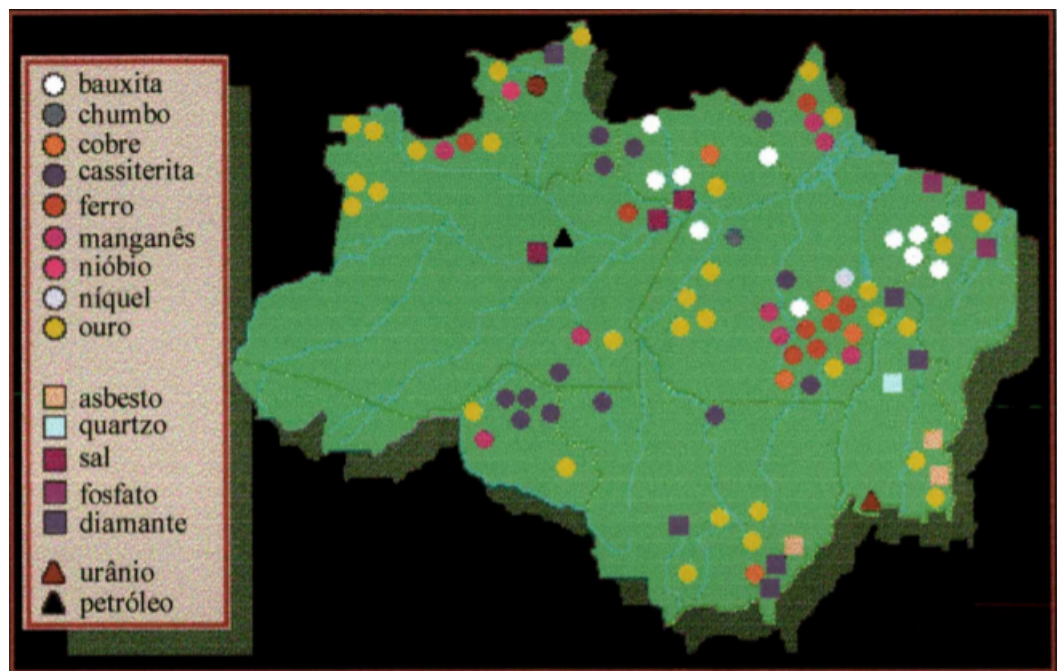


Figura 2 - Riqueza mineral na Amazônia

Fonte: INPE

Além de todas essas riquezas, a Amazônia também é rica em gás e petróleo. Sobre a descoberta do combustível fóssil, AZIZ AB'SABER afirmou ser um velho sonho dos brasileiros:

“A descoberta do gás foi iniciada em 1978, em dez campos dispersos em áreas do município de Carauari, no Estado do Amazonas, Médio Juruá, enquanto a descoberta do petróleo ocorreu em outubro de 1986, nas proximidades do Rio Urucu, a nordeste da cidade de Carauari. Com essas descobertas encerraram-se

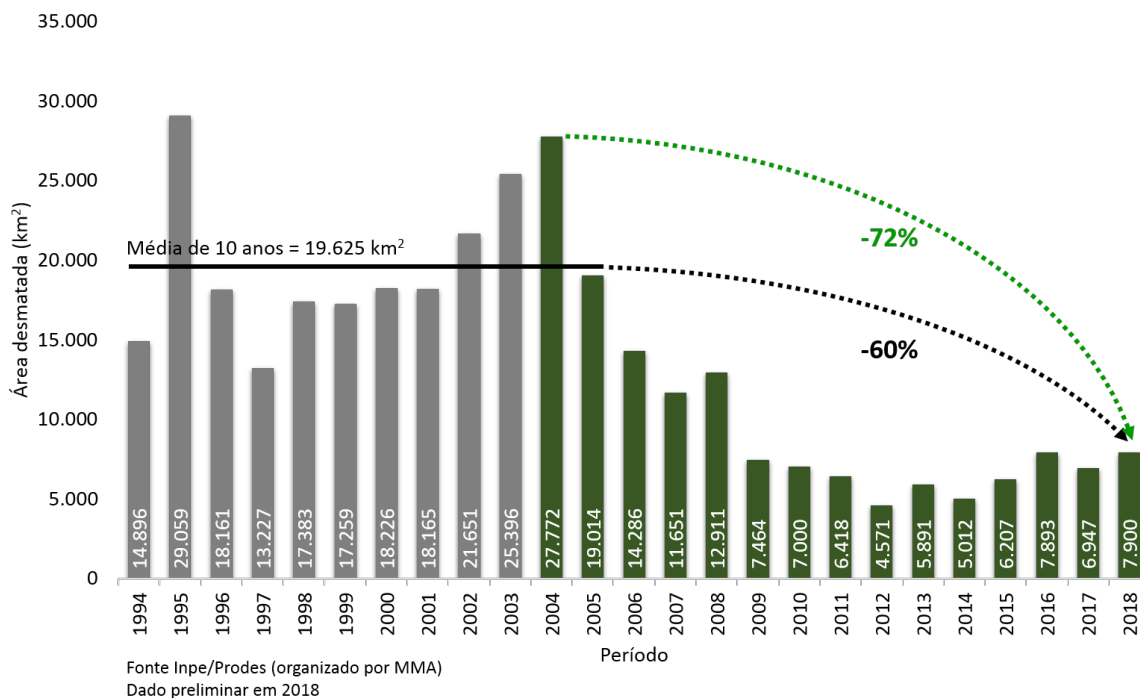
as incertezas do passado (1917-1986) sobre a existência de petróleo em uma bacia sedimentar de 1,8 milhão de quilômetros quadrados, que parecia estéril em termos de formações oleíferas. Concretizou-se, dessa forma, com pleno êxito um velho sonho dos brasileiros, ainda que esses feitos não tenham sido bem divulgados, com a ênfase necessária, para a mídia do país.”

A produção era tão grande que conseguia alcançar a produção de 16.000 barris por dia.

1.2 Controvérsias e risco à biodiversidade

A diversidade da Amazônia está fortemente ameaçada. Dos vários fatores que põem em risco o bioma, destaca-se a contaminação dos rios e solos por metais pesados, principalmente o mercúrio usado em atividades de garimpo e, principalmente, o desmatamento desenfreado causado pelo uso irregular do solo em atividades agropecuárias e a exploração ilegal da madeira. De acordo com o último relatório anual do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) sobre o desmatamento na Amazônia, foi desmatada uma área de 6.451 quilômetros quadrados, taxa projetada para o período 2009/2010 pelo Projeto de Monitoramento do Desflorestamento na Amazônia Legal (Prodes) e que equivale a mais de 4 vezes o território do município de São Paulo.

Taxa de desmatamento na Amazônia



De acordo com o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), os índices de desmatamento são puxados pelos grandes plantadores de soja e pecuaristas e pelo alagamento de floresta ligado a grandes obras de infraestrutura, como a Usina Hidrelétrica de Jirau, que está em construção no rio Madeira. Esquemas de grilagem, a ação predatória das madeireiras ilegais, a falta de incentivos em escala para atividades sustentáveis, o excesso de burocracia e a corrupção nos órgãos ambientais também são fatores que colaboram para a redução das áreas de floresta nativa na Amazônia.

2 A INTERNACIONALIZAÇÃO

A diversidade de riquezas cria um grande interesse voltado para a floresta amazônica, seja para a instalação de indústrias e a utilização de recursos naturais ou para fins acadêmicos. A discussão ganhou forças no final dos anos 80, quando a Amazônia passou a ser explorada de forma mais intensa e a dívida brasileira cresceu exponencialmente, o que dirigiu países a considerarem o pagamento da dívida externa com reservas ecológicas e concessão de terras.



2.1 Pressão externa

Vários líderes governamentais pressionaram e continuam pressionando a opinião pública no sentido de transformar a Amazônia em um patrimônio mundial. Al Gore, enquanto **Vice-Presidente dos Estados Unidos** (1993-2001), afirmou que: “ao contrário do que os brasileiros pensam, a Amazônia não é deles, mas de todos”. Mitterrand, como **Presidente da França**, disse: “o Brasil precisa aceitar uma soberania relativa sobre a Amazônia” e **Gorbachov**, então primeiro ministro russo, “o Brasil deve delegar parte dos seus direitos sobre a Amazônia aos organismos internacionais competentes”. A pressão internacional sobre a Amazônia é inquestionável, e a omissão e negligência do governo a respeito sempre corroborou para a construção desse cenário. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, durante a conferência Conferência Rio 5, citou: “o governo brasileiro não tem estrutura para combater o desmatamento na Amazônia bem como

também não tem condições práticas de frear a destruição da natureza.” E ao final afirmou: “não somos capazes de possuir a Amazônia”.

2.2 Posicionamento brasileiro

A Amazônia é, e sempre foi, grande motivo de orgulho para os brasileiros. Apesar da má administração, muitos investimentos foram feitos no norte do país para se aproveitar das várias oportunidades proporcionadas pelo território amazônico, dentre eles os investimentos em energia, em usinas como a de Belo Monte e até a própria zona franca de Manaus. Tal orgulho cria um sentimento de nacionalismo frente as riquezas da floresta amazônica.

O posicionamento brasileiro pode ser muito bem elucidado pelo discurso do ex-Senador e ex-Ministro da Educação Cristovam Buarque:

"De fato, como brasileiro eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso. Como humanista, sentindo o risco da degradação ambiental que sofre a Amazônia, posso imaginar a sua internacionalização, como também de tudo o mais que tem importância para a Humanidade. Se a Amazônia, sob uma ótica humanista, deve ser internacionalizada, internacionalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem-estar da humanidade quanto a Amazônia para o nosso futuro. Apesar disso, os donos das reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não o seu preço. Da mesma forma, o capital financeiro dos países ricos deveria ser internacionalizado

Se a Amazônia é uma reserva para todos os seres humanos, ela não pode ser queimada pela vontade de um dono, ou de um país. Queimar a Amazônia é tão grave quanto o desemprego provocado pelas decisões arbitrárias dos especuladores globais. Não podemos deixar que as reservas financeiras sirvam para queimar países inteiros na volúpia da especulação. Antes mesmo da Amazônia, eu gostaria de ver a internacionalização de todos os grandes museus do mundo. O Louvre não deve pertencer apenas à França. Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano. Não se pode deixar esse patrimônio cultural, como o patrimônio natural amazônico, seja manipulado e destruído pelo gosto de um proprietário ou de um país.

Não faz muito, um milionário japonês, decidiu enterrar com ele um quadro de um grande mestre. Antes disso, aquele quadro deveria ter sido internacionalizado. Durante este encontro, as Nações Unidas estão realizando o Fórum do Milênio, mas alguns presidentes de países tiveram dificuldades em

comparecer por constrangimentos na fronteira dos EUA. Por isso, eu acho que Nova York, como sede das Nações Unidas, deve ser internacionalizada. Pelo menos Manhattan deveria pertencer a toda a Humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história do mundo, deveriam pertencer ao mundo inteiro. Se os EUA querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA. Até porque eles já demonstraram que são capazes de usar essas armas, provocando uma destruição milhares de vezes maior do que as lamentáveis queimadas feitas nas florestas do Brasil. Nos seus debates, os atuais candidatos à presidência dos EUA têm defendido a idéia de internacionalizar as reservas florestais do mundo em troca da dívida.

Comecemos usando essa dívida para garantir que cada criança do mundo tenha possibilidade de ir à escola. Internacionalizemos as crianças tratando-as, todas elas, não importando o país onde nasceram, como patrimônio que merece cuidados do mundo inteiro. Ainda mais do que merece a Amazônia. Quando os dirigentes tratarem as crianças pobres do mundo como um patrimônio da Humanidade, eles não deixarão que elas trabalhem quando deveriam estudar; que morram quando deveriam viver. Como humanista, aceito defender a internacionalização do mundo. Mas, enquanto o mundo me tratar como brasileiro, lutarei para que a Amazônia seja nossa. Só nossa."

3 O PAPEL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO DEBATE

A Organização das Nações Unidas foi criada em 24 de outubro de 1945, com a função primordial de, de acordo com o Art. 1º da Carta das Nações Unidas, “manter a paz e a segurança internacionais e para esse fim: tomar medidas coletivas eficazes para prevenir e afastar ameaças à paz e reprimir os atos de agressão, ou outra qualquer ruptura da paz e chegar, por meios pacíficos, e em conformidade com os princípios da justiça e do direito internacional, a um ajustamento ou solução das controvérsias ou situações internacionais que possam levar a uma perturbação da paz.”

A Organização das Nações Unidas é estruturada em cinco principais órgãos: o Conselho de Segurança, o Conselho Econômico e Social, o Secretariado, a Assembleia Geral e a Corte Internacional de Justiça. Dos cinco principais órgãos, quatro estão localizados na sede principal das Nações Unidas em território internacional em Nova York; a Corte Internacional de Justiça está localizada em Haia, nos Países Baixos. A ONU utiliza oficialmente seis idiomas: mandarim, árabe, espanhol, inglês, francês e russo.

Possui um papel fundamental na garantia de preservação de direitos, na fiscalização de violações a princípios inalienáveis de indivíduos, na organização de medidas que promovam a paz mundial e no respeito em assegurar liberdade ao estímulo às relações entre pessoas e entre Estados. Tendo em vista esta imensidão de direitos e deveres que lhe é condicionada a responsabilidade, a ONU se faz valer como o organismo multilateral mais significativo e com o maior raio de alcance do cenário mundial, na atualidade.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, por mais que não seja um órgão de topo hierárquico no sistema ONU, é de extrema importância. Afinal, é o braço da Organização que se restringe exclusivamente à proteção ambiental. De caráter consultório, o PNUMA, estabelecido em 1972, tem sede em Nairóbi, no Quênia, e é encabeçado por um(a) Diretor(a)-Geral, que responde diretamente aos órgãos superiores.

O objetivo do comitê é simples. É enxergar as consequências de suas escolhas e seus respectivos motivos. É tratar cada vida como única. Como tais questões se aplicam na pauta a ser discutida? A questão da internacionalização de um território sempre gera conflito. Afinal, todos os territórios estão, de forma considerada legítima, sob a posse de algum outro país. A complexidade é internacionalizar sem que haja desrespeito à soberania de alguma outra nação. É a partir da ideia

de conflito que nasce a diplomacia. Não se pode submeter uma ideia ou ideologia a outra sem que haja um mediador ou um diálogo no qual ambas as partes ouçam as propostas alheias.

Desse modo, após sucessivas falhas e alguns sucessos diplomáticos, a Organização das Nações Unidas surgiu para equalizar em uma só organização todas as partes, algo que a Liga das Nações não chegou perto de conquistar. Podemos, assim, dizer que a ONU surgiu por causa de alguns fracassos. Os erros que todos precisam para amadurecer e chegar cada vez mais perto da perfeição, por mais que ela ainda se encontre longínqua.

A Organização das Nações Unidas é o maior exemplo disso. Na Carta das Nações Unidas, o princípio de isonomia é buscado já no Art. 2º:

A Organização e seus membros, para a realização dos propósitos mencionados no artigo 1, agirão de acordo com os seguintes Princípios:

1. A Organização é baseada no princípio da igualdade de todos os seus membros.
2. Todos os membros, a fim de assegurarem para todos em geral os direitos e vantagens resultantes de sua qualidade de membros, deverão cumprir de boa-fé as obrigações por eles assumidas de acordo com a presente Carta.
3. Todos os membros deverão resolver suas controvérsias internacionais por meios pacíficos, de modo que não sejam ameaçadas a paz, a segurança e a justiça internacionais.
4. Todos os membros deverão evitar em suas relações internacionais a ameaça ou o uso da força contra a integridade territorial ou a dependência política de qualquer Estado, ou qualquer outra ação incompatível com os Propósitos das Nações Unidas.
5. Todos os membros darão às Nações toda assistência em qualquer ação a que elas recorrerem de acordo com a presente Carta e se absterão de dar auxílio a qual Estado contra o qual as Nações Unidas agirem de modo preventivo ou coercitivo.
6. A Organização fará com que os Estados que não são membros das Nações Unidas ajam de acordo com esses Princípios em tudo quanto for necessário à manutenção da paz e da segurança internacionais.
7. Nenhum dispositivo da presente Carta autorizará as Nações Unidas a intervirem em assuntos que dependam essencialmente da jurisdição de qualquer Estado ou obrigará os membros a submeterem tais assuntos a uma solução, nos termos da presente Carta; este princípio, porém, não prejudicará a aplicação das medidas coercitivas constantes do Capítulo VII. (CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, 1945)

Entretanto, as nações não são inteiramente livres para tomarem decisões que infrinjam a soberania de outros países, como o inciso 7 da parte supracitada indica. Afinal, como o Art.4º disserta:

Artigo 4

1. A admissão como membro das Nações Unidas fica aberta a todos os Estados amantes da paz que aceitarem as obrigações contidas na presente Carta e que, a juízo da Organização, estiverem aptos e dispostos a cumprir tais obrigações.

2. A admissão de qualquer desses Estados como membros das Nações Unidas será efetuada por decisão da Assembleia Geral, mediante recomendação do Conselho de Segurança. (CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, 1945)

A Carta, tão magnânima e pacífica, não disserta apenas sobre a paz. As sanções, atribuídas às funções da Assembleia Geral, também são extremamente claras, e *in claris non fit interpretatio*, conforme Art.5º e 6º:

Artigo 5

O membro das Nações Unidas, contra o qual for levada a efeito ação preventiva ou coercitiva por parte do Conselho de Segurança, poderá ser suspenso do exercício dos direitos e privilégios de membro pela Assembleia Geral, mediante recomendação do Conselho de Segurança. O exercício desses direitos e privilégios poderá ser restabelecido pelo conselho de Segurança.

Artigo 6

O membro das Nações Unidas que houver violado persistentemente os Princípios contidos na presente Carta, poderá ser expulso da Organização pela Assembleia Geral mediante recomendação do Conselho de Segurança. (CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, 1945)

CONCLUSÃO

Podemos concluir que existe muito interesse da comunidade internacional no território amazônico, seja pelas riquezas e interesses de exploração e pesquisa, ou até pela falta de confiança no governo brasileiro para a preservação de um ambiente tão rico em diversidade em sua fauna e flora, mas se limitando a esses dois. Afinal, como bem elucidado nos primeiros tópicos do guia, a região amazônica é rica também em minerais e petróleo, abrindo uma discussão muito mais complexa sobre o embate entre a obtenção de riquezas e mecanismos de exaustão do solo ao norte da América do Sul, como a questão da preservação não só de vegetação, mas das inúmeras comunidades indígenas que remanesecem por lá.

Essa discussão se torna ainda mais extensa ao adicionar a questão da soberania brasileira, que tem vários escândalos de corrupção e omissão de esquemas fraudulentos envolvendo interesses de contrabando, especialmente de madeira, borracha e o contrabando de animais, e órgãos de fiscalização, mas ainda assim considera, com muito orgulho, a Amazônia um de seus grandes patrimônios econômicos e culturais. Grandes fazendeiros também estão entre os principais culpados pelo atual estado de desmatamento ao norte do país, com suas culturas de abandonar as terras quando se tornam inférteis, além da criação de gado que torna o solo infértil pelo pisoteio do solo pelos animais.

Cabe ao comitê discutir o princípios da soberania e a forma mais eficiente de preservar e estudar a floresta amazônica, discutindo com todos os países que tem em seu território parcelas da extensão de sua fauna e flora, especialmente com o Brasil, país com maior parcela da floresta em seu território.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, Raul. ARRUDA, Ney. GALVÃO, Silvano Macedo. LOPES, Marcel. COSTA E SILVA, Tatiana. TORTOLA, Edson. **“A internacionalização da Amazônia”**.
- AB’SABER, A. (2002). **Bases para o estudo dos ecossistemas da Amazônia brasileira. Estudos Avançados** 16(45): 7-30,
- AB’SABER, A. (2003). **Domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São paulo: Ateliê Editorial,
- AB’SABER, A. (2004). **Amazônia: do discurso à práxis**. 2a ed. São Paulo: Edusp, (1a ed., 1996).
- BARRETO, G. (2006). **Um dia na Amazônia. Literatura Infantil**. Campanha da Fraternidade de 2007.
- HOORN, C., & Wesselingh, F. (Eds.). (2011). **Amazonia, landscape and species evolution: a look into the past**. John Wiley & Sons,
- MESQUITA, T. (2005). **Amazônia revelada: os descaminhos ao longo da BR-163 (filme)**. Brasília, CNPq. 90 min. son.
- MURÇA Peres, J. (1984). **"The Amazonian forest"**. In: Sioli, H. (ed.). **The Amazon: limnology and landscape ecology of a mighty tropical river and its basin**. pp. 581-602. Dordrecht, Holanda: Dr. W. Junk Publishers.
- PIRES, J. M. & Prance, G. T. (1985). **The vegetation types of Brazilian Amazon**. In: G. T. Prance & T. E. Lovejoy (ed.). **Key Environment: Amazonia**, p. 109-145. Pergamom Press,
- TORRES, Maurício (org.) **Amazônia revelada: os descaminhos ao longo da BR-163**. Brasília: CNPq, 2005. Bibliografia. 496 p., fotografias. ISBN 85-86821-63-2
- UFV (2006). Amazônia. Material da disciplina ENF448 - **Recursos Naturais e Manejo de Ecossistemas**. Viçosa: UFRV, Departamento de Engenharia Florestal,
- FGV. **Amazônia, suas riquezas, seus desafios**. [S. l.], 2013. Disponível em: <https://raa.fgv.br/amazonia-sua-riqueza-seus-desafios>. Acesso em: 19 maio 2019.

Apêndice I – Posicionamentos de Países

ÁFRICA

África do Sul, Congo, Costa do Marfim, Egito, Gana, Madagascar Mali, República Democrática do Congo, Sudão

Os países africanos se mantêm contra a internacionalização e defendem que a soberania dos países deve ser respeitada acima de tudo.

AMÉRICA LATINA E CARIBE

BRASIL

O posicionamento brasileiro pode ser muito bem elucidado pelo discurso do ex-Senador e ex-Ministro da Educação Cristovam Buarque:

"De fato, como brasileiro eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso. Como humanista, sentindo o risco da degradação ambiental que sofre a Amazônia, posso imaginar a sua internacionalização, como também de tudo o mais que tem importância para a Humanidade. Se a Amazônia, sob uma ótica humanista, deve ser internacionalizada, internacionalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem-estar da humanidade quanto a Amazônia para o nosso futuro. Apesar disso, os donos das reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não o seu preço. Da mesma forma, o capital financeiro dos países ricos deveria ser internacionalizado

Se a Amazônia é uma reserva para todos os seres humanos, ela não pode ser queimada pela vontade de um dono, ou de um país. Queimar a Amazônia é tão grave quanto o desemprego provocado pelas decisões arbitrárias dos especuladores globais. Não podemos deixar que as reservas financeiras sirvam para queimar países inteiros na volúpia da especulação. Antes mesmo da Amazônia, eu gostaria de ver a internacionalização de todos os grandes museus do mundo. O Louvre não deve pertencer apenas à França. Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano. Não se pode deixar esse patrimônio cultural, como o patrimônio natural amazônico, seja manipulado e destruído pelo gosto de um proprietário ou de um país.

Não faz muito, um milionário japonês, decidiu enterrar com ele um quadro de um grande mestre. Antes disso, aquele quadro deveria ter sido internacionalizado. Durante este encontro, as Nações Unidas estão realizando o Fórum do Milênio, mas alguns presidentes de países tiveram

dificuldades em comparecer por constrangimentos na fronteira dos EUA. Por isso, eu acho que Nova York, como sede das Nações Unidas, deve ser internacionalizada. Pelo menos Manhattan deveria pertencer a toda a Humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história do mundo, deveriam pertencer ao mundo inteiro. Se os EUA querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA. Até porque eles já demonstraram que são capazes de usar essas armas, provocando uma destruição milhares de vezes maior do que as lamentáveis queimadas feitas nas florestas do Brasil. Nos seus debates, os atuais candidatos à presidência dos EUA têm defendido a idéia de internacionalizar as reservas florestais do mundo em troca da dívida.

Comecemos usando essa dívida para garantir que cada criança do mundo tenha possibilidade de ir à escola. Internacionalizemos as crianças tratando-as, todas elas, não importando o país onde nasceram, como patrimônio que merece cuidados do mundo inteiro. Ainda mais do que merece a Amazônia. Quando os dirigentes tratarem as crianças pobres do mundo como um patrimônio da Humanidade, eles não deixarão que elas trabalhem quando deveriam estudar; que morram quando deveriam viver. Como humanista, aceito defender a internacionalização do mundo. Mas, enquanto o mundo me tratar como brasileiro, lutarei para que a Amazônia seja nossa. Só nossa."

EQUADOR

Como é de conhecimento geral, a floresta amazônica não é uma exclusividade brasileira. Ela se estende por alguns países, dentre os quais se encontra o Equador. Logo, a República do Equador se posiciona contra a internacionalização da Amazônia, visto que o governo equatoriano declara ser uma questão de soberania. Sustentada, é claro, pelo fato de que a Amazônia – uma parte dela – se localiza em seu território.

VENEZUELA

A República Bolivariana da Venezuela possui uma legislação bem extensa a respeito do meio ambiente. Leis que vão de 1965 até o ano de 1996. Assim, como a República do Equador a Venezuela se mostra contra a internacionalização da Amazônia por questões de soberania nacional, já que possui parte dela em seu território. O chamado Decreto 269 – feito em 1989 – proíbe qualquer atividade mineira no estado do Amazonas. Isso prova que a Venezuela tem uma crescente preocupação no que tange a proteção da área da floresta Amazônica em seu território.

BOLÍVIA

A Bolívia é signatária do Tratado de Cooperação Amazônica, assinado em 1978, que procurou a integração física entre os países que possuem a Amazônia em seu território. Com esse tratado, os países signatários pretendiam afastar qualquer tipo de controle internacional sobre a região. Aumentando, assim, a capacidade de decisão dos países signatários sobre a região.

COSTA RICA

A República da Costa Rica protegeu 25% do seu território criando parques nacionais, transformou isso em atividade econômica, passou a atrair milhões de visitantes e hoje é o melhor exemplo do mundo de como o turismo sustentável pode desenvolver um país. A República da Costa Rica se mostrou favorável à proposta dos EUA de perdoar a dívida externa de países do antigo “Terceiro Mundo” por territórios como parques nacionais. Portanto, é o suficiente para se concluir que em determinadas circunstâncias a República da Costa Rica é a favor da internacionalização da Amazônia.

DEMAIS PAÍSES - AMÉRICA LATINA E CARIBE

Argentina, Colômbia, Chile, Guiana, Guiana Francesa, Panamá, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai

Os demais países são contra a internacionalização da Amazônia, principalmente por serem os países que detém parte dela.

ÁSIA E PACÍFICO

Afganistão, China, Coreia do Sul, Índia, Japão, Vietnã

Os países pertencentes ao bloco da Ásia e Pacífico tem posição neutra em relação ao conflito, e devem dialogar para decidir a melhor forma de resolver o impasse, de forma que se mostram interessados em debates conteudistas.

EUROPA OCIDENTAL E OUTROS

REINO UNIDO

O posicionamento do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte não é 100% claro em relação à internacionalização da Floresta Amazônica. Entretanto, recentemente, o Príncipe Charles, primeiro sucessor e herdeiro do trono do Reino Unido, elogiou as políticas de reflorestamento e combate ao desmatamento do Brasil. Com esse comentário, cai por terra parte do argumento de que o Brasil não é capaz de lidar com a preservação amazônica.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

O governo norte-americano demonstra seus interesses pela região amazônica há tempos, como por exemplo a tentativa de ocupar a região ainda no século XIX numa campanha marítima, liderada pelo sargento Matthew Maury logo após a Guerra Civil. Este desejo foi intensificado ao longo do século XX, contando com discursos de autoridades renomadas, como o senador Robert Kasten e o ex-vice-presidente dos Estados Unidos da América, Robert Al Gore.

Os Estados Unidos da América alegam que os países americanos que possuem a região amazônica em seus territórios não possuem condições de preservar a região, causando um mal para toda a humanidade ao desgastaram essa rica área de recursos naturais. Para este país a Amazônia deve ser vista como patrimônio de toda a humanidade, não devendo ficar sob os cuidados de poucos países que não sabem bem administrar a região. Dentro do PNUMA, o governo norte-americano assume a liderança na frente favorável à internacionalização, uma vez que é um dos únicos países que leva a este palco de discussões a opinião dos países da Europa Ocidental, também favoráveis a esta causa.

DEMAIS PAÍSES - EUROPA OCIDENTAL E OUTROS

Alemanha, Dinamarca, França, Países Baixos, Suécia, Suíça

Os demais países não explicitam posicionamento claro, mas podem ser considerados mais tendenciosos à internacionalização da Amazônia, devido ao histórico da região e aspectos econômicos.

EUROPA ORIENTAL

Croácia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Romênia, Rússia

Os países desse bloco variam seus posicionamentos de neutros a países a favor da internacionalização, mas nunca de forma 100% definida. Dessa forma, se mostram abertos a discussões para a concretização de seus posicionamentos.